

REALISMO FANTÁSTICO OU IRREALISMO QUOTIDIANO?

JOSÉ SOARES MARTINS¹

Durkheim sempre falou de normas e desvios. A anomia seria uma ausência ou transgressão das normas dominantes, fossem elas sociais, políticas, religiosas, estéticas ou científicas. Sherif por sua vez, ao falar da normalização apontou para a negociação e partilha ou convergência das normas, enquanto quadros de referência determinadores do aceitável ou reprimível. Asch, também demonstrou que um grupo ou sociedade procura punir o desviante a fim de evitar quebras ou rupturas na coesão grupal, vistas como ameaças aos objectivos perseguidos pelo grupo. Assim, o controlo social, seria o modo de manter o status quo e o domínio conformista da maioria sobre as minorias, tidas como desviantes. Moscovici, por sua vez, mostrou que a inovação é o motor fundamental da sociedade e da história. Mas essa inovação faz-se paradoxalmente à custa do desvio ou seja das minorias activas ou nómicas, capazes de engendrar um conflito com a maioria até à conversão desta última, caso o *Zeitgeist* seja favorável. Neste sentido, a história dos homens tem sido marcada por esta dinâmica moscoviciano: normalização; conformidade; inovação que de certa forma nos faz lembrar a fórmula hegeliana: tese; antítese; síntese....

Claro que Pitágoras neste sentido foi um desviante ao tentar explicar o mundo e a sua natureza a partir dos números inteiros e Zenão, também, quando desconfiou desta solução ao avançar com o conceito de infinitésimo tão bem ilustrado pelo paradoxo de Aquiles e a Tartaruga. Do mesmo modo o cristianismo foi um movimento inovador em relação ao judaísmo, mas a igreja católica tornou-se uma fiel guardiã da verdade aceite maioritariamente, surgindo os gnósticos como perigosos desviantes, como desviantes foram os milenaristas filhos de Joaquim de Fiore, os astrólogos, as feiticeiras e os refundadores do velho deus pã quando se julgava este morto e enterrado nas margens do Egeu.

A Inquisição, em nome da norma queimou, cátaros, judeus, templários, Savonarola, Giordano Bruno. Tudo em nome da verdade tornada dogmática e na norma instituída maioritariamente e sustida não com a dinâmica própria da influência social, mas com a coerção e o poder despótico.

Durante o longo asilo dos séculos XVII e XVIII, a razão fez-se norma e a loucura foi banida para as margens da sociedade, enclausurada nos hospícios e prisões. Ser louco significava

¹ Doutor em Psicologia Social pela Universidade de Santiago de Compostela. Membro do Conselho Científico do CTEC.

transgredir, a norma e isso era assustador, coisa de bestiário. Nesse sentido, os visionários e loucos que se passeavam outrora pela Grécia e pela Idade Média, como caminhantes ou navegantes das stultifera navis, foram atirados para as enxovias da desrazão. O que era olhado como sagrado tornou-se pestilento e maldito.

O romantismo ressuscitou o mito e a irracionalidade e o sonho tornou-se de novo possível sob a forma de romance, poesia, filosofia, de música ou pintura. Foi o tempo de Blake, de Rimbaud, de Baudelaire. Foi o tempo de se pôr os grandes sistemas racionais em causa, como o de Kant ou Hegel. Foi o tempo de Schopenhauer, de Kierkegaard e Nietzsche. O que abriu caminho a uma reacção do pensamento ocidental no âmbito das ciências e da filosofia. O Positivismo lógico de Viena, a Fenomenologia de Husserl e a filosofia da história de Marx. Paralelamente de novo surgiram minorias esotéricas com Kardec, Blavatsky, Steiner, Gurdjieff ou Yeats ao lado de cientistas pouco convencionais como Lobachevsky, Rieman, Einstein, Plank, Freud e outros.

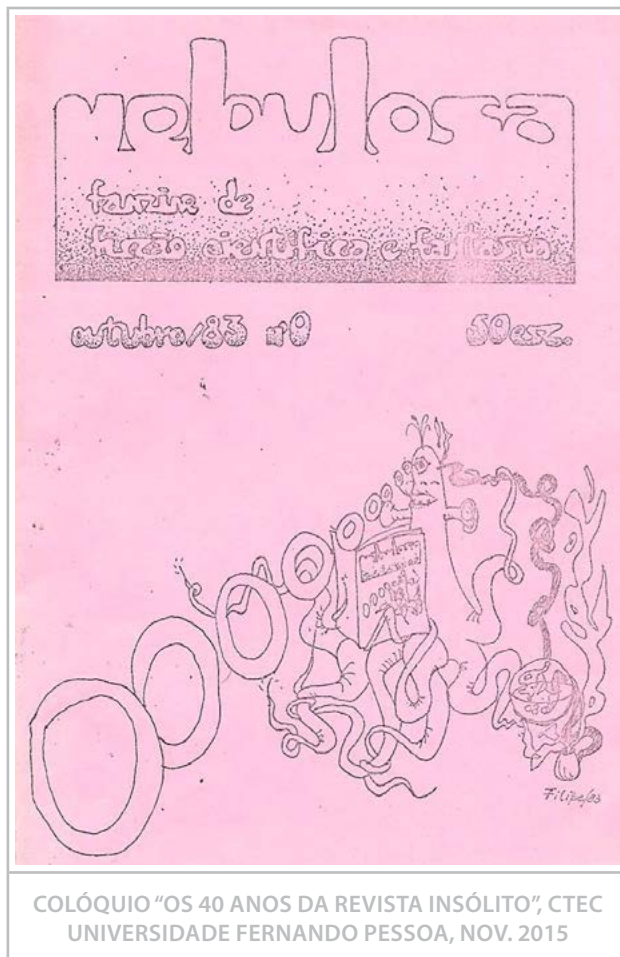
Será deste caldo que nos anos 60 assistiremos à contracultura de Roszak, Norman Brown, Alan Watts, Marcuse, Fromm....ao situacionismo e ao realismo fantástico de Pawells e Bergier. O mistério da vida e do homem de Gabriel Marcel, o “há mais qualquer coisa” de Charles Hey Fort abrirão caminho à chave enferrujada da Atlântica platónica para procurar outras dimensões do homem e do universo.

A revista Insólito aparece assim como réplica à Planete francesa e a outras publicações que vão surgindo por toda a parte, juntamente com os livros de Charroux, de Fulcanelli, de Sendy, de Hutin ou Sadoul. Depois de abertas as portas da percepção com Huxley e Timothy Leary. É o tempo de todas as possibilidades desde o niezstchiano Maio de 68 até á primavera de Praga, passando pelo 25 de Abril.....Parecia que os tempos do Espírito Santo de Fiore eram possíveis....

Agora em pleno refluxo materialista, em que o que conta é uma visão liberalíssima da economia e das finanças. Agora em que os merceeiros de Bruxelas nos fazem crer que Keynes é um perigosos esquerdista desviante e pouco normativo.....vamos aguentado a austeridade, os migrantes sem solução à vista e os ataques demenciais do islão daeshiano. A Europa está em crise, a civilização ocidental está em crise. Será que Marcuse, Orwell ou Spengler tinham razão? Estaremos nós às portas do ultimo homem nietzschiano? Ou de um apocalipse irremediável? Talvez a leitura outrora refrescante de Pawells e Bergier nos aponte direcções inesperadas, embora eu pessoalmente não acredite nisso, nem na repetição da história, como diria o velho Marx, permanecendo no entanto um desviante não nihlista até ao fim.

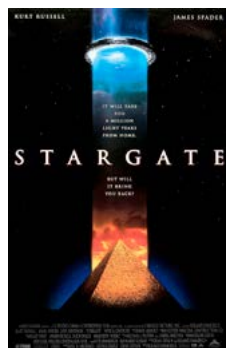
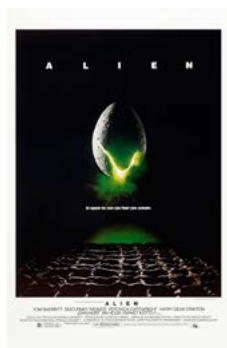
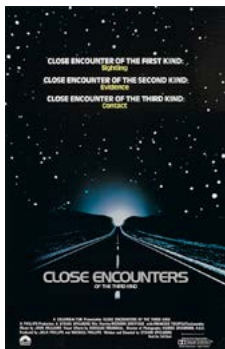
OS OUTROS NA FICÇÃO CIENTÍFICA PORTUGUESA

ÁLVARO DE SOUSA HOLSTEIN¹



¹ Escritor e publicista; especialista em literatura de ficção científica.

Quando falam do “Outro” as associações são quase imediatas e direccionadas para o cinema, a televisão ou a banda desenhada, assumindo especial relevância filmes como “ET”, “Encontros Imediatos do 3º Grau”, “Star Wars”, “Man in Black”, “Alien”, “Guerra dos Mundos”, “Star Trek”, “Stargate”, “Avatar”, “Marte Ataca!” ou “Dune”,



séries como “Espaço 1999” já com uma futura série programada “Espaço 2099”, “Babylon 5” ou “Falling Skies”.



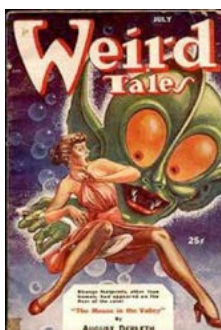
Se os “inquiridos” forem fans de ficção científica as referências são fatalmente outras e se tiverem mais de quarenta e cinco anos, são distintas de novo. Para estes, filmes como “A Viagem à Lua”, “O Dia em que a Terra Parou”, “O Dia das Trífides”, “O Planeta Selvagem”, culminando com “Solaris”, são as escolhas incontornáveis.



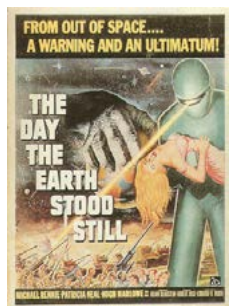
Já se a opção incidir numa escolha “mais popular” teremos de optar pelos filmes com os assustadores BEM’s (Bug-Eyed Monsters): “Killers from Space”, “Invasion of the Saucer-Men”, “This Island Earth” e “It came... without warning”,



inicialmente popularizados nos “pulp magazines” como “Astounding Stories”, “Weird Tales” e “Planet Stories”.



E claro que os outros “monstros”, ainda que menos monstros porque humanóides, como o já acima referido “O dia em que a Terra parou”, “O Homem do Planeta X” ou “Devil Girl from Mars”, não poderão ficar de fora.



Já na BD é de realçar obras como “Valérien e Laureline” de Mezieres ou “O Incal” e “Arzach” de Moebius.



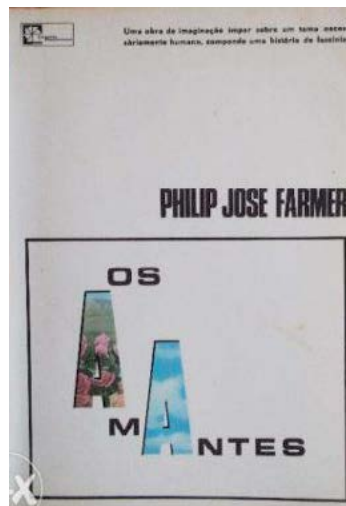
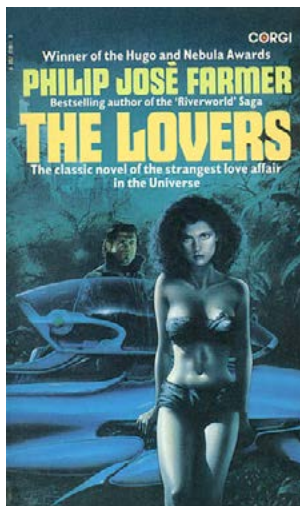
Na verdade a exuberância e variedade dos **Outros** é de tal modo apelativa que se compreende que sejam estes aqueles que são referidos quando se fala de “extraterrestres”.

Por cá já o Almanaque Bertrand de 1909 nos apresentava os vários tipos de Marcianos.

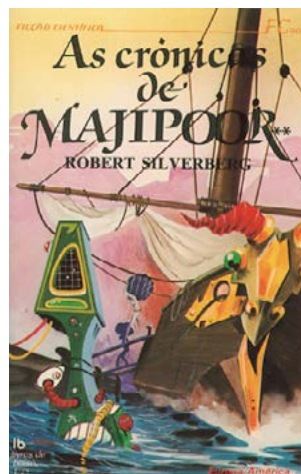
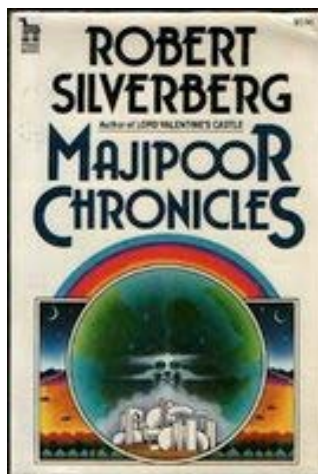


Mas o mais importante e que está na base de tudo é a literatura. Aqui são de destacar as obras de:

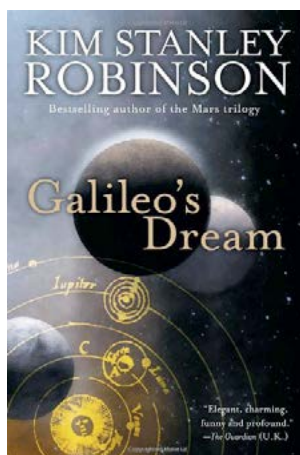
Philip José Farmer (Os Amantes - A primeira obra que narra sexo entre um terrestre e uma alienígena),



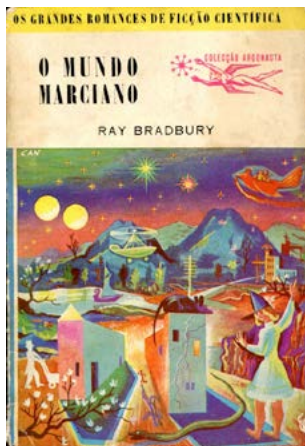
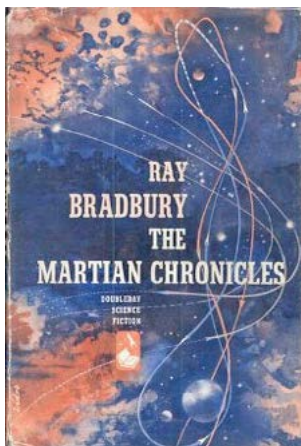
Robert Silverberg (Majipoor Chronicles – coletânea de contos sobre Majipoor, planeta muito maior que a Terra onde vivem Humanos, Ghayrogs, Skandars, Vroons, Liimen, Hjorts e muitas outras raças alienígenas),



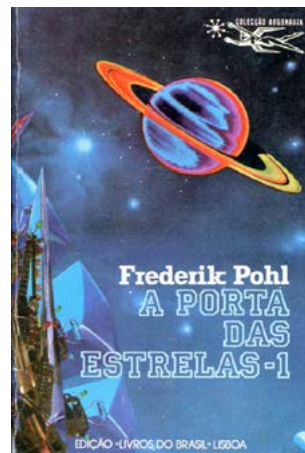
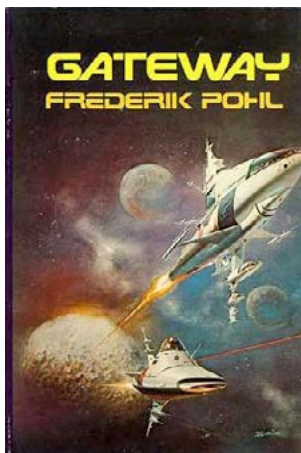
Kim Stanley Robinson (Galileo's Dream - vida alienígena é descoberta por baixo dos gelos de uma das luas de Júpiter, Europa),



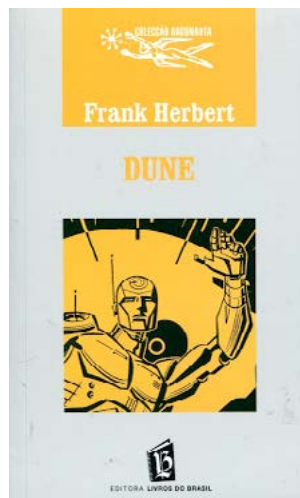
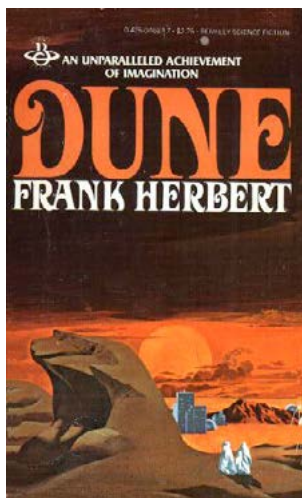
Ray Bradbury (Crônicas Marcianas – a colonização de Marte e conflitos com os aborígenes marcianos),



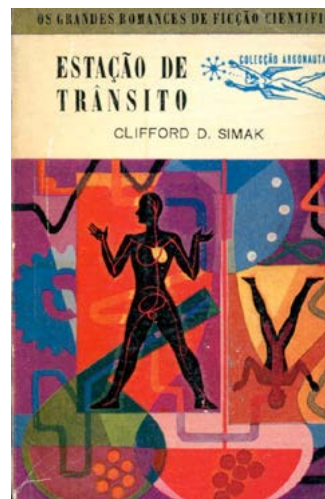
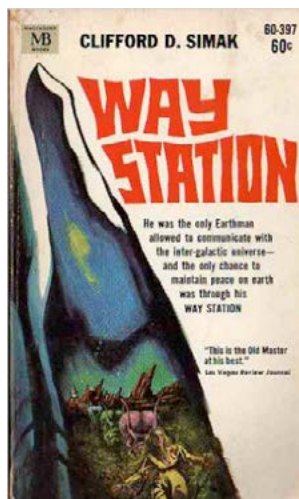
Frederick Pohl (Gateway – Sobre os Heechee, uma raça de viajantes estelares super avançada e que desapareceu milhões de anos antes do aparecimento do Homem,



Frank Herbert (Dune – Impérios Galácticos em conflito e mundos extraterrenos)



e Clifford D. Simak (Estação de Transito – uma gare intergaláctica. Um estudo sobre a solidão).



Já a ficção científica portuguesa é pouco dada a encontros imediatos e estes surgem sobretudo na literatura, até porque o cinema e a banda desenhada nacionais são particularmente falhos no que respeita à ficção científica e mais ainda aos “Outros”.

Mesmo assim seres alienígenas surgem nas obras “O Construtor de Planetas e outras histórias” e “A Morte da Terra” de Alves Morgado, “Um Homem de Outro Mundo” de Reis Ventura (passado em Angola), “A lenda” e “O desafio” de João Aniceto, “Três Lágrimas Paralelas” de Artur Portela, “Mensageiro do Espaço” de Luís de Mesquita, “Universal, limitada” de Isabel Cristina Pires, “Não lhes faremos a vontade” de Romeu de Melo, “Canopus 98” de Carlos Moutinho e “Casos de Direito Galáctico. O mundo inquietante de Josela (fragmentos)” de Mário-Henrique Leiria.



Vamos assim falar daqueles que consideramos como os exemplos mais relevantes e surpreendentes, ou seja: “Não lhes faremos a vontade” de Romeu de Melo, “Canopus 98” de Carlos Moutinho e “Casos de Direito Galáctico. O mundo inquietante de Josela (fragmentos)” de Mário-Henrique Leiria.



Ou seja a reflexão filosófica, o surpreendente e a visão humorística.

Romeu de Melo é um autor que surge nos anos 50. Licenciado em Economia, pela UP, foi o primeiro escritor português que se dedicou, na sua faceta ficcionista, em exclusivo à ficção científica. O seu primeiro romance “AK – A Tese e o Axioma” foi publicado em 1959, aqui no Porto.

Carlos Moutinho, um médico apaixonado pelo género, de quem apenas conhecemos uma obra, mas que é uma peça fundamental da moderna ficção científica nacional.

Mário-Henrique Leiria que é um dos nomes mais importantes do surrealismo português. Publicou, para além da obra de que vamos falar: “Contos do Gin-Tonic e “Novos Contos do Gin-Tonic”, entre outros.

Vamos então começar por falar de “Não lhes Faremos a Vontade”, publicado em 1970, de Romeu de Melo. Uma colectânea composta por sete contos, acontecendo em quatro deles o encontro de humanos com seres alienígenas.

Em “O Encontro” apresenta-nos uma sociedade extraterrena com um sistema ecológico próprio que é contactada por uma expedição terrestre.

Governada por um organismo simbiótico, uma espécie de Deus deste paraíso perdido que controla todo o planeta e os que o rodeiam até ao mais ínfimo pormenor, podendo a qualquer momento obviar qualquer factor que pudesse afectar a harmonia do sistema, mas que aspira a ascender a um estado superior, ao mesmo estado em que se encontram os «*senhores Bazans*», essa espécie de «*seres invisíveis que tinham alcançado a suprema serenidade e lançavam as bases de novos universos nascentes... a partir do nada.*» [pag. 86]

Ele era o produto final de uma grande raça que vivera em colónias que se vieram a fundir e originar *supra-indivíduos que absorviam as experiências dos seres individuais a partir desta condensação psicovital.*[*ibidem*]

Com a fusão viera o esquecimento, aquilo que o decano dos Ser, Bual, designava como *Alquimia do Buraco* que implicava «*a perda da memória histórica, para que se destruíssem as grandes Inibições e os Seres pudessem iniciar a sua nova vida cósmica unicamente a partir da Razão e da Imaginação.*» [pag. 87]

Mas este paraíso perdido, onde entre outros viviam os Grus que «*podiam passar perfeitamente por seres terrestres, de estatura vagamente superior à humana e construção humanóide, apesar da sua cabeça cónica implantada num tronco desprovido de pescoço, e donde irradiavam quatro membros anteriores e posteriores. O corpo era desprovido de pêlos, o que dava à sua nudez um ar casto e pacífico que levava a aceitá-los sem reservas*» [pag. 90/91], e que são uma espécie que vive... sem guerras ou fricções entre si ou o meio ambiente e se mostra particularmente afável em relação aos homens; vai ser abalada por um conflito provocado pelos membros da expedição terrestre que resolvem destruir o Ser guiados pela sua atroz lógica que lhes diz que uma espécie tão poderosa só pode ser escravagista ou escravizada. Para eles qualquer outra solução é impensável. Só que o ser nada lhes permite e acaba por lhes demonstrar que existem outras vias. Descobrimo ao fazê-lo que os humanos são um elo da sua cadeia evolutiva e que é já um Bazan.

Terminando o conto com o Ser a dizer aos humanos: «*Apercebo agora que os Senhores Bazans seremos nós, pois descobri qual o vírus inibidor que me legaste, homens: o receio. Salvou-me deste vírus outro, agora benéfico, que foi o mesmo que vos trouxe junto de mim: a esperança*» que comporta em si duas componentes, a intelectual e a ética em plena harmonia.

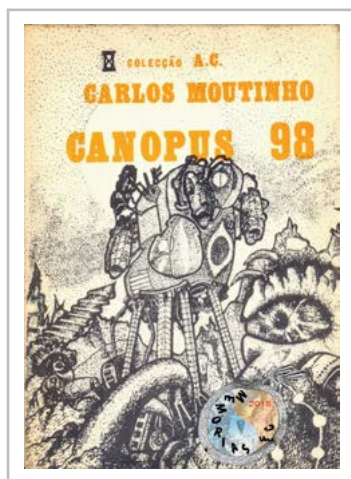
Nos outros três contos: “O Estranho Caso de José Olímpio”, “Já Sabíamos Tudo” e “A Partida” que tem em comum a chegada de alienígenas à Terra, ele apresenta-nos vários tipos de membros de raças extraterrestres.

De realçar o facto de dois destes contos terem sido publicados no Canadá e na Bélgica.

No primeiro são seres que nunca se mostram e que vem à terra para ajudar a Humanidade.

No segundo são autóctones de Alfa Centauri que «podiam ser (segundo eles) considerados uns homens esquisitos e com altura um pouco abaixo da média» [pag. 113], membros «de uma brigada de esclarecimento, com o fim de desenvolver a sociabilidade entre os seres humanos e para-humanos espalhados pela Galáxia» [pag. 114] que acabam por se ir embora sem ajudar os humanos porque *Já Sabíamos Tudo*.

Finalmente no terceiro em que um andróide siriano vem jogar uma partida de poker com um humano para decidir o futuro do Homem como espécie. Culminando o conto com um empate, deixando assim de novo o futuro da Humanidade em aberto.



Da total confiança no Homem de Romeu de Melo passamos a Carlos Moutinho e à sua colectânea *Canopus 98*, publicada na década de 60, em que a inabalável fé no bom senso humano não tem lugar.

Composto por quinze contos, só em quatro deles se efectua o contacto com alienígenas, mas destes apenas falaremos de três.

Em “Illogismos” uma expedição terrestre aterra num planeta onde vive uma espécie inteligente que lembra os caranguejos terrestres, diferindo destes porque «as pinças mandibulares estavam cobertas de pelo lanudo e áspero. Eram bastante mais pequenos, de casca inconcebivelmente rugosa e descolorida.» [pag.64]

Esta raça de que Crox, um dos seus membros, nos serve de narrador é uma espécie inteligente que viu o seu planeta passar por um imenso cataclismo e que após várias gerações de árduo labor conseguiu criar um novo-ecossistema em função dos recursos existentes.

Estratificada em várias camadas-funcionais (coordenadores lógicos, caçadores de cascas de quelónios, propagadores da Raça, Vigilantes-do-Templo e Produtores-de-Leis) esta cultura de pseudo-crustáceos vivia sobretudo para os momentos “*de êxtase da respiração*” que se efectuavam nos Templos, onde se banhavam num tanque onde *Ela* (uma alga que oxigenava a água) lhes concedia o dom da vida, adquirindo esta função básica um cunho religioso, designado “*acto de cumprimentos dos Ritos*”.

Tudo decorria assim sem grandes percalços até à chegada da expedição dos humanos que julgaram estar na presença de um planeta desabitado.

Ao depararem com uma raça alienígena que lhes pareceu não inteligente, resolveram persegui-la. Surgiram-lhe, então, construções que «*vistas de perto pareciam miniaturas de templos gregos, construídos por crianças. As colunas e paredes eram formadas do que, à primeira vista lhes pareceram pequenas conchas de crustáceos amalgamadas com lama. A cúpula era algo como uma concha de tartaruga fendida de largos cortes transversais.*» [pag. 65]

Indiferentes a esta manifestação de beleza no meio das imensas planuras desérticas «*abriram-nas à coronhada de desintegradores porque lhes convinha estudar aquela forma de arquitectura dum civilização extinta.*» [ibidem]

Mais uma vez o Homem opta por destruir em vez de compreender o **Belo**.

Como resultado o povo de *Crox* revolta-se, lutando numa tentativa de suster o ataque humano, transformando-se num povo de heréticos, porque para eles a Heresia é toda a forma de violência física ou mental contra qualquer ser vivo.

Mas pensa *Crox*: «*quem poderia não empregar a violência quando havia seres vivos que lhes destruíam Ideais e família, Razão de respirar e meio de vida? Seres que, sem provocação, lhes destruíam a Fonte da Vida!*» [pag. 68]

Após terem destruído várias cidades os humanos resolveram regressar à Terra para anunciarem a descoberta de um novo planeta a colonizar, deixando para trás, como se fossem desprovidos de consciência, os escombros de uma civilização alienígena.

Já no seu conto “*O Fim da Odisseia*” deparamos com um ser altamente evoluído, membro de uma raça que há muito se dedica ao estudo e conquista do Universo, um *Ptl*, alienígena «*com um metro de comprimento, corpo revestido de quitina purpúrea, seis membros de insecto e uma forte filosofia ao serviço da exploração (e colonização).* Reforçada por um *desintegrador*» [pags. 76/77] que chega ao nosso planeta numa nave biológica.

Mas este ser aparentemente invencível vê-se derrotado e posteriormente escravizado por um *campónio* do Bouro (região no norte de Portugal, onde subsistem, ainda hoje, imensas histórias de almas-penadas, lobishomens e bruxas), apenas porque se deixa comover pe-

rante a Infelicidade alheia: «A comoção acabou por dominá-lo. A mão que segurava o desintegrador tremia espasmodicamente.» [pag.81]

Apercebendo-se do mal-estar do «animalejo, apertou mais firmemente o varapau ... o diabo chorava... era certo... lágrimas amarelas saíam-lhe dos olhos... ... A mão que segurava o bacamarte tremia... era agora ou nunca... Agora!!!

O varapau girou no ar e abateu-se sobre a cabeça do estranho ser que rodopiou, largando a arma.» [pag. 81]

... ..

«Na pequena quintarola do transmontano, perdida nas serras vê-se um pequeno ser vermelho-púrpura, amarrado com uma coleira à casota do cão. (este passou a dormir na casa dos donos)» [pag. 82]

“Em Penso, Logo Existo”, um conto na linha de “O Encontro” de Romeu de Melo, atrás referido, surge-nos uma espécie de deus ex-machina que se fundiu com o planeta onde foi criado dando origem a um ser simbiótico que dirigindo-se aos homens que nele aterraram, lhes diz: «... hoje eu sou planeta e robot.. Fiz-me à imagem e semelhança dos que me geraram.

... ..

- Atingi o meu fim, mas não os fins gerais. Por mim não posso avançar mais; tenho limites porque tinha fins determinados – analisar.

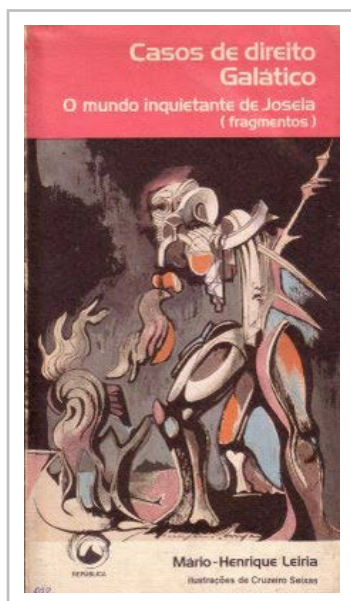
- A conclusão lógica surgiu há pouco. Para mim não é terrível, como se poderia pensar, pois não é o meu fim mas talvez o meu verdadeiro princípio, em que me integrei mais e mais, numa simbiose perfeita e sem falhas, em um ser que me não é superior nem inferior, mas diferente na sua essência.

- Esse ser é o homem.

- Estou a criá-lo.» [pag. 112]

O pendor humanista e filosófico de novo se manifesta, surgindo-nos como uma constante nos cultores portugueses de ficção científica destas décadas.

No princípio e no fim sempre o homem como paradigma. Uma espécie que continua a tentar os receios atávicos que lhe obscurecem o raciocínio e lhe retardam a evolução. Uma espécie que em si contém as sementes da perfeição e da eternidade que sem Luz não conseguem germinar.



Com Mário-Henrique Leiria no seu livro “Casos de direito Galático. O mundo inquietante de Josela (fragmentos)” encontra-mos um estilo e estrutura completamente diferentes dos anteriores.

Ele apresenta-nos um conjunto de contos inquietantes que são transcrições de processos legais que foram julgados em diversas instituições judiciais galácticas. Ou seja:

«Casos exemplares apresentados à análise no Curso de Direito Galático para estudantes da federação mista (humanidades do 1º Aglomerado Estelar) na Universidade Regional de Aldebaran 3.»

Com um humor muito particular e sempre incisivo, Leiria, cria uma plêiade de seres oriundos de uma infinidade de planetas que se vêem a braços com intrincados problemas jurídicos.

Exemplo único na literatura de ficção científica nacional, este conjunto de contos demonstra um primoroso trabalho de escrita e vem pela primeira vez dar um cunho humorístico a um género que tinha até ao momento apresentado um pendor mais analítico.

Falar-vos-emos assim de seguida do terceiro conto: “*Caso 2900/002-7º B, Sector de Alpha do Centauro (Drako contra Benevides & C.ª, Ld.ª)* em que nos fala do contacto entre o «antropólogo Drako, bípede humanóide de 2º nível, membro da Confraria dos Planetas Científicos da Republicracia de Procion» que obtém uma bolsa de estudo para fazer uma investigação

sobre a «*organização socio-tribal dos povos paleológicos semi-inteligentes não federados*», no único planeta habitado de um Sistema Solar de 10 planetas, designado por Sol 3.

Ao chegar a Sol 3 aterra a sua nave «*numa superfície relvada limitada por construções com degraus sobrepostos, vagamente semelhante aos auditórios poéticos de Procion onde vários bípedes aborígenes, com esgares realmente inesperados, se enfureciam contra uma esfera pequena que agrediam com os pés. Em volta, nos degraus sobrepostos, grande quantidade do mesmo tipo bípede, ululava em conjunto.*» [pag. 26]

Drako, sem o saber, tinha interferido num jogo de futebol. Ainda perplexo, por nada entender daquilo que o rodeava, foi preso e submetido a um tratamento de choques eléctricos que nenhum mal lhe fez, por os neutralizar.

Vendo a investigação inutilizada saiu com facilidade da prisão onde o tinham encarcerado e regressou ao seu planeta.

Chocado pelo tratamento recebido resolveu processar o causador, *Benevides & C.ª, Ld.ª*.

Em consequência do processo, o Sistema Solar foi colocado de quarentena e os habitantes de Sol 3 sem qualquer permissão de expansão para além do 10º planeta fronteiro do mesmo.

Leiria termina o conto com uma pergunta ao estudante de direito galáctico:

«*Será a agressão uma forma de poder e domínio ou antes, como os lógico-semânticos de Procion afirmam, uma característica de medo, sub-inteligência e tara mental pré-lógica?*»